

ASPECTO DO FENÔMENO DO CANGAÇO NO NORDESTE BRASILEIRO (II).

(Continuação).

MARIA CHRISTINA RUSSI DA MATTA MACHADO

Pós-graduada em Ciências (História) pela Universidade de São Paulo.

CABRA-MACHO.

O coronel é o homem forte, o cabra-macho que usa a força que lhe advem de seu poder econômico refletido no político social.

E' o caudilho quando em luta armada, é o patriarca quando ouve as queixas dos agregados parentes ou não, é o chefe quando determina o que deve ser feito, é o chefe político quando arregimenta maior número de eleitores para seus prepostos, é submisso perante a fé embora mande no padre da paróquia, é o macho na sua força de homem dono e homem senhor na região em que vive: é o coronel

“definitivamente o cabra-macho: — macho para com as fe-meas, mulheres suas — muitas vezes, mais de uma, ao mesmo tempo — que lhe deixam prole de filhos tanto legítima como ilegítima; macho, também, pela brabeza: brabeza de matar, de mandar matar, dar surras; valentia para desafiar cangaceiros, ou mesmo a polícia. Dessa fama de cabra-macho muitos dêles se vangloriam. Cabra-macho querem que se tornem seus filhos e até filhas, preferindo o ilegítimo que seja *homem* ao *legítimo* que se lhe pareça *frouxo* ou *mole*; preferindo os mulherengos aos mais púdicos. Os arruaceiros aos caseiros. Os vaqueiros aos agricultores”. E continua o autor “... a estrutura autoritária, a fragilidade da coerção estatal organizada, a base patriarcal e pastoril e um certo grande pioneirismo ligado à conquista da terra, o justificam” (1).

(1). — Villaça (Marcos), *Coronel, Coronéis*, págs. 35-36.

Somente o macho, o forte, poderá dominar a região.

Convem a ele proteger os valentes e criminosos, pois serão estes elementos os seus protetores contra as lutas políticas. Mas, no meio dos valentes que sabiam empunhar armas, ele era o líder, o chefe aceito por todos, não com um papel adquirido, mas sim atribuído — ou por herança, ou pelas condições econômicas.

“Mas na fase de seu exclusivo mando, o coronel é chefe, juiz, delegado”: “... É o coronel quem decide sobre homens e coisas. Suas vontades são sentenças. E o humanitarismo que pode revelar alastra a fama de sua bondade”.

... “O coronel como chefe em sistema social, assim caracterizado, deve ser homem-macho. Seu machismo e valentia quase sempre fazem fama. É homem temido de homens, espalhando-se a história de suas façanhas que crescem em mitos.

Mais uma vez, a figura de coronel cabra-macho é generalização necessária” (2).

“E o coronel faz questão de deixar bem claro sua posição de chefe: ele se afirma no seu porte, nas maneiras, na sua expressão. Esse seu comportamento fica ressaltado pelo modo de ser do vaqueiro; é o tipo do trabalhador rural por excelência, calmo e comedido, pois andando quase sempre só, vivendo na tranquilidade, no silêncio e imensidão dos campos, adquiriu o hábito de pensar mais e falar menos.

Esse sentimento de amor à profissão, e à lida, se estende às coisas da fazenda, inclusive às lutas políticas entre os patrões e pelas quais se apaixona.

Por isso, o vaqueiro é um seguidor da orientação traçada pelo seu patrão” (3).

E' o coronel o chefe; sente sua força e importância, e não se preocupa com os outros. Tem sua própria imagem refletida no espelho; é ele o ditador, o patriarca, o bom, o mau, o vingador, enfim, ele se vê como senhor absoluto da região, e não admite que outro lhe faça sombra.

(2). — *Ibidem*, pág. 35.

(3). — Macedo (José Norberto), *Fazendas de gado do Vale do São Francisco*, pág. 50.

— Sobre a maneira de ser do coronel, sua forma de expressão, descreve, José Candido de Carvalho, no livro: *O Coronel e O Lobishomem*.

“Só de uma regalia não abri mão nesses anos todos de pasto e verbo: a de falar alto sem freio nos dentes, sem medir consideração, seja em compartimento do governo, seja em sala de desembargador. Trato as partes no macio, em jeito de moça. Se não recebo cortesia de igual parte, abro o peito”.

Mas a imagem que os outros tem dele difere bastante da apresentada no seu íntimo.

Seus amigos, partidários, políticos, familiares, podem aceitá-lo e desfrutar do seu sucesso, de seu domínio perante a região e os agregados ou vizinhos.

O sertanejo de um modo geral também o aceita, mesmo sentindo-se coagido, insatisfeito, intranquilo, chegando a não perceber, objetivamente, as falhas existentes em sua comunidade.

E os coronéis, sentindo que são fortes e não tendo ninguém contra eles, não podendo receber castigos e nem havendo o perigo de sofrerem sanções, iniciam um processo de violência para aumentar seu poderio, conquistando mais terras, dominando maior contingente humano.

Roubam terras, matam, desonram as sertanejas.

Desta forma infringem a lei do sertão a qual eles mesmos aprenderam que deveriam respeitar. Sabem que os valores desrespeitados exigem vingança.

Mas, estão seguros de sua superioridade, de seu domínio.

Agem como se tivessem força intrínseca, quando na verdade sua força é sobretudo extrínseca, baseada na estrutura governamental, ajudada por juizes, delegados e policiais, que são todos seus subordinados.

Mas, se a justiça não está do lado do sertanejo no momento em que seus padrões são rompidos, há também uma quebra na sua passividade.

Ele se revolta e a arma do sertanejo ofendido é a justiça com as próprias mãos.

Tudo começou por falta de justiça e a vingança faz nascer os revoltados.

Como o coronel ou sua família é mais forte, a polícia e toda a estrutura governamental está ao seu lado, nada mais resta ao sertanejo do que fugir, embrenhar-se nas caatingas, escapando da perseguição das autoridades; é agora um fora-da-lei, um marginalizado. Tem bravura pessoal, está pronto a defender sua vida. Sua tática de luta é defensiva, mas, também, é ofensiva, na medida em que exigem, dos poderosos coronéis, dinheiro, armas e guarida em suas terras.

Se não forem atendidos em suas exigências, ou se forem delatados, queimam fazendas, destróem a lavoura e a criação, e transformam-se em inimigos do coronel.

E' conveniente te-los como amigos, pois são fortes e valentes, corajosos, impõem respeito e medo.

Neste quadro da realidade sertaneja, é fácil compreender que se tornava importante não molestar tais indivíduos.

O ideal seria ser amigos deles, se possível, respeitá-los sempre, e só em casos extremos transformar-se em seus inimigos (4).

Dessa forma, quando Lampião seguiu para o Rio Grande do Norte, passando pelo Ceará, pode contar com o apoio de seus amigos bem situados. Sobre isso, escreve Raimundo Nonato:

“... o combate ao banditismo não pode ter eficiência. Enquanto os coroneis acoitadores continuarem a fornecer munições, inutil será esforço dos que, como o Rio Grande do Norte, levando o caso a sério, fazem verdadeiros sacrifícios, para o extermínio da praga que devasta os sertões”.

“Que o mal está principalmente nos acoitadores de criminosos que mantem prestígio político e se recomendam à consideração dos mandões pelo cangaço, estamos tendo a prova ainda agora.

“Depois do famoso cerco (de Mossoró) apesar de se saber que os guerrilheiros estropiados e desmuniçados iam tomando rumo do Icó, não houve fazenda que se preparasse para enfrenta-los, nem coronel que se movesse para embargar-lhes os passos” (5).

Se os coronéis nada fizeram foi porque não quiseram ter como inimigos homens revoltados, capazes de lutar até a morte, com uma tática de luta boa, sabendo como dar cabo do inimigo na hora certa, sem muito esforço e até mesmo sem desperdício de munição (6).

Matavam o gado, destruíam fazendas, a vingança estava selada. Os coronéis tinham homens dentro de suas terras que lutavam pelos seus patrões: eram os jagunços (7).

(4). — O historiador do Ceará, Capitão Anselmo Duarte afirmou que eram protetores de Lampião, no Ceará: Isaias Arruda, Prefeito de Missão Velha; Padre Cícero de Juazeiro do Norte; o Coronel Antônio Santana, chefe político de Missão Velha, proprietário do sítio Serra do Mato.

(5). — Nonato (Raimundo), *Lampião em Mossoró*, págs. 76 e 77.

(6). — Conversa de “Zé Sereno”.

(7). — Jagunço é geralmente o empregado que só se revolta quando já não consegue suportar as afrontas (injustiças); mata, foge e é homisiado nas terras de algum outro coronel que deseja homens fortes para sua segurança, de seus familiares e de sua fazenda.

“O jagunço do São Francisco é um homem temente a lei que só pega em armas sob a responsabilidade de um chefe. Por conta própria o bravadeiro só pega em armas depois de esgotar todos os recursos pacíficos, inclusive paciência”.

.....
“Como a organização política do Vale do São Francisco conserva ainda os traços característicos do regime semi-feudal, em que sua sociedade foi formada, a Democracia ali sofre a influência do espírito tribal, e os jagunços são parte integrante das famílias dominantes. Cada proprietário rural conta em sua fazenda com a solidariedade dos seus vaqueiros, agregados, arrieiros, e camaradas, sem falar nos cômpadres”.

.....
“A diferença que há entre ele (o jagunço), e outro agregado qualquer é que ele tem direito a guardar em sua casa o fuzil do coronel, enquanto que os outros só recebem as armas na hora de brigar” (8).

E' este o ambiente. Não conseguindo suportar a rigidez das normas econômicas, sociais e políticas, impostas pelos chefes, se rebelam, matam, fogem para a caatinga.

Isto porque, sendo os coronéis homens ricos, com a polícia a seu lado, mandarão matá-los. Assim começa o processo de revolta com a injustiça e, como objetivo, a morte do agressor, terminando sua vida fora da sociedade que o lançou à luta, mas que não poderá tê-lo na comunidade, uma vez que é o agressor para a camada dominante.

Estes homens são fortes, destemidos e, como já foi dito, possuem força intrínseca; isso apavora os coronéis, que possuem sobretudo, força extrínseca.

A revolta, a violência, gerou esse tipo de homem, capaz de lutar e morrer, mas que não consegue retroceder, ainda que a vingança já tenha sido consumada. Escolheu esse caminho; deve permanecer nele.

(8). — Lins (Wilson), obra citada, págs. 136-137.

DE SERTANEJO A CANGACEIRO.

Nos capítulos anteriores, esboçamos as condições, o meio ambiente da vida do trabalhador rural.

E' a partir desse quadro que melhor compreendemos a etiologia do cangaceiro, isto é, como o sertanejo, sempre voltado para as fastidiosas tarefas do cotidiano, torna-se um revoltado.

O sertanejo se transforma em cangaceiro principalmente por problemas de ordem social e econômica e, ainda, cultural. Na penetração da caatinga, os indivíduos eram todos iguais no relacionamento, não havendo diferenças entre vaqueiro, dono de gado, agricultor e proprietário de terras. Os problemas por eles enfrentados eram os mesmos: terra nova, índios, animais selvagens e estavam longe dos centros urbanos. Uniam-se, pois, em defesa daquilo que era seu, e solidarizavam-se em defesa de suas vidas.

Os valores culturais eram comuns a todos.

A solidariedade, contudo, começou a desaparecer à medida em que os problemas já não os atingia de igual modo.

Nasceu o individualismo, determinando uma mudança de atitudes, gerada por fatores de ordem social e econômica. O domínio da terra diferenciou os indivíduos, os fatores sócio-econômicos levaram-nos, automaticamente, à formação de grupos fortes e fracos. Coube, aos mais pobres, o impacto de quebra dos costumes por parte dos poderosos. O desrespeito a esses valores conduziu à luta.

Na época em que surgiu o cangaço, entretanto, constata-se a existência de revoltados vindos dos dois grupos originários, porque, os motivos que afetaram sua conduta tinham tão grande importância para os de nível social alto, como para os de nível social baixo. (Vide anexo 1).

A questão de honra, por exemplo, afetava ricos e pobres. Os padrões culturais eram mais ou menos equivalentes a todos os elementos da comunidade — normas, valores, tradições e costumes, eram comuns a seus membros, indistintamente.

Ángelo Roque, agricultor no sertão de Pernambuco, tornou-se cangaceiro depois que um soldado deflorou sua irmã:

“Eu tinha uma irmã, e ela namorou com um soldado, não dizer que não namorou, ela namorou com um soldado. O soldado sendo casado umas quatro vezes, se ainda fosse solteiro, vá lá. Não ia me incomodar, que fosse preto, que fosse escuro, que fosse alto, que fosse bonito, que fosse feio. Mas, era casado 4 vezes, não tinha mulher que servisse para esse homem. No dia seguinte ela me deu uma carta que ele mandou para ela; para ir para Cai-pirus, quem foi casar com ele fui eu. Eu fui pedir providências para o juiz de direito da minha terra em Pernambuco e ele me disse: como ele namora com sua irmã, voce namora com a irmã dele.

Eu era um menino. Doutor, visto isto a gente só tomando providência por conta própria; não é?

Ele disse: Olha meu filho, vai se virar.

Eu era menino, rapazinho, tinha dezessete anos, eu disse: Eu já sou criado, já sou criado, Doutor. E daí prá cá tornei-me perdido, com a morte dessesoldado” (1).

Benício Alves, vulgo “Saracura”, filho de proprietário de grande extensão de terra no sertão da Bahia, entrou para o cangaço para lavar a honra da família ofendida pela agressão ao seu pai, espancado barbaramente, por soldados da volante.

“Foi a polícia que me obrigou a entrar no cangaço. Uns soldados pegou meu pai, arrancou as unhas, arrancou as barbas, bateu muito e tirou muito sangue do meu pai, em perssiga dos cangaceiros, dizendo que meu pai era coiteiro. Meu pai era inocente e sofreu muito.

No dia seguinte eu procurei os cangaceiros, depois contei que espancaram meu pai e queria forrar.

Eu morava em Currais em Paripiranga.

Meu pai tinha uma fazenda grande de duas léguas (cerca de 12 quilômetros) de extensão. Tinha muitos animais (gado, bode, galinha, porco e cavalos). Plantava algodão, feijão, milho e tomate...” (2).

Distinguimos o fato social do econômico, nesta parte, nessa análise do desvio de comportamento do sertanejo. E mostramos que os valores de caráter social, quando afetados, podem levar o não proprie-

(1). — Depoimento prestado pelo ex-cangaceiro ANGELO ROQUE, vulgo “LABAREDA”.

(2). — Depoimento prestado pelo ex-cangaceiro BENÍCIO ALVES, vulgo “SARACURA”.

tário e, também, em determinadas circunstâncias, o pequeno e médio proprietário ao cangaço.

Como o problema social está intimamente ligado ao econômico, é mister tomar em consideração que:

- a). — o sertanejo de nível social baixo sofria, em escala muito mais elevada, a quebra de seus valores, e sentia-se impedido a tornar-se um fora-da-lei.
- b). — o sertanejo de nível social alto, quando afetado, poderia partir para o revide, sem conseqüências futuras e, evidentemente, sem necessidade de se amparar numa ação extra-legal, como era o cangaço.
- c). — o poder econômico nem sempre levava ao prestígio político, e o sertanejo de nível social alto poderia integrar-se ao cangaço, quando seus padrões fossem afetados.

Os fatores de ordem econômica, como o roubo de terras ou abusos do poder por parte dos grandes proprietários, afetaram apenas os pobres. Esses fatores determinaram, certamente, em grande escala, o deslocamento do homem do sertão para o cangaço.

Os valores são comuns a todos os sertanejos, mas existem indivíduos que os violam. Acontece que, quando um elemento cresce economicamente, tenta subjugar os mais pobres, rompendo os padrões existentes na sociedade a que ele pertence. Como já vimos, quando se desfaz a solidariedade, os poderosos economicamente não respeitavam normas, costumes, criando a sua própria norma, válida somente para eles; é nesta hora que o sertanejo acostumado a respeitar, e a ver respeitar suas tradições, revolta-se e inicia a *luta*.

O prestígio que advem da riqueza determina o "*status social*" do grande proprietário. Seu poder chegará ao abuso e, por isso, haverá a tomada de posição do elemento pobre contra essa situação.

Não é uma revolta coletiva, o sertanejo não tem a compreensão global da sociedade, do processo como um todo. Vislumbra apenas o seu problema particular, une-se a quantos passaram pelos mesmos apuros — daí os grupos de cangaceiros.

As razões mediatas são sociais e econômicas.

A razão imediata é a *vingança*.

A vingança é o forte motivo que faz o sertanejo romper com sua vida pacata para, regra geral, se transformar num assassino — matando quem feriu sua família. Embora seja a razão mais comum,

não é sempre desta forma que reage o sertanejo. Conforme já vimos, no caso de “Saracura”, a impossibilidade de se vingar sozinho faz com que o sertanejo, afetado por uma injustiça contra ele praticada, procure os cangaceiros, homens iguais a ele que lutam contra os soldados. Estará, assim, mais garantido e melhor protegido para sua vingança. E a vingança o levará, certamente, a fugir, procurando o esconderijo da caatinga e, por força disto a se envolver cada vez mais na trilha dos fora-da-lei.

São vários os fatores que impelem os sertanejos à vingança:

- a). — *roubo de terras* — Lampião entrou no cangaço depois que os Nogueiras invadiram a propriedade de seus pais. Embora, para muitos, os motivos dos desentendimentos entre os Nogueiras e os Ferreiras fossem apenas brigas de famílias, a verdade é que a força e o prestígio dos Nogueiras lhes deram condições extra-legais (através do capitão Lucena), para expulsar a família de Virgulino (Lampião) das terras que lhe pertenciam. Acredita-se que a morte de José Ferreira tenha sido a razão fundamental do ingresso de Virgulino e seus irmãos no cangaço. Contudo, ocorre que, quando seu pai foi assassinado, em Alagoas — e não em Pernambuco, seu Estado natal, de onde havia sido expulso — Virgulino já estava com um grupo de revoltados e pronto a cobrar a afronta dos Nogueiras, que, percebendo quanto perigo corriam, mandaram exterminar toda a família Ferreira, em Matinha de Água Branca, quando foram mortos pai e mãe de Lampião.
- b). — *violência sexual* — Hermínio, vulgo Chumbinho, agricultor em Floresta, Estado de Pernambuco, procurou cobertura no cangaço depois que teve de matar dois indivíduos que “desmoralizaram sua irmã”.
- c). — *assassinio de parentes* — Manoel Baptista de Moraes — vulgo Antonio Silvino, entrou para o cangaço depois que seu pai, Pedro Baptista de Almeida, foi assassinado por membros da família Ramos, por motivo de litígios familiares.
- d). — *abusos de poder* — Santo, vulgo “Mourão”, tornou-se cangaceiro porque matou a vaca do Coronel Petrolino de Alcântara. O animal foi colocado na sua roça por imposição do coronel, que se negava a retirá-lo. O sertanejo acabou matando a vaca e, sabendo que o coronel iria puni-lo com a morte, fugiu para o cangaço.

Esse fato ocorreu em 1927, em Santo Antônio da Glória, Estado da Bahia.

Essas motivações que levam ao cangaço caracterizam a primeira fase do fenômeno.

Por volta de 1930 e anteriormente, em consequência de acordo interestadual, permitindo a entrada das volantes em territórios alheios aos seus, a repressão ao cangaço recrudescer e chega à prática de abusos, o que implanta a insegurança no meio sertanejo.

Nessa nova fase, os motivos que levaram à *perseguição* do sertanejo, e que provocaram seu ingresso no cangaço, eram:

- a). — *parentesco com cangaceiro* — Zé Sereno tinha dois tios no cangaço. Os homens da volante ameaçavam constantemente seus familiares, aplicaram-lhe uma surra, prometendo voltar. Zé Sereno foi ao encontro de seus tios.
- b). — *Coiteiro* — José Mamedes, vulgo “moita Branca”, era lavrador na várzea da Ema, Estado da Bahia. Ajudava os cangaceiros como “coiteiro”. Perseguido pela polícia, entrou no cangaço.
- c). — *Perseguido pela justiça* — Antônio e Cirilo de Inglácia estavam com dívidas a saldar na Justiça, por motivos de “questões” com a família dos Pachecos. Dessas rixas ocorreram mortes, e os irmãos Ingrácia abrigaram-se no cangaço.
- d). — *Jagunços de coronel, perseguidos* — Bernardino João de Souza, vulgo “Cangica”, entrou no cangaço por volta de 1930. Foi “caibra” de alguns coronéis, e, quando lhe faltou a proteção destes, sofreu perseguição da polícia, protegendo-se no cangaço.
- e). — *O sertanejo perseguido pela volante* — João Correia dos Santos, vulgo Sabiá, era lavrador e vaqueiro em Poço Redondo, Estado de Sergipe. Os soldados da volante perseguiram-no acreditando ser ele “coiteiro”. Sua alternativa foi o cangaço, em 1936.

Existiram ainda os influenciados, elementos que ingressavam no cangaço à procura de uma vida de aventuras, ou tentados pelo dinheiro fácil, que o cangaceiro costumava ter. Criou-se o mito da fartura e da opulência, que levou muita gente a ingressar no cangaço.

Concluindo, acreditamos poder dividir o cangaço em duas fases distintas:

- I. — Do início do século até cerca de 1930. Nesta época os sertanejos entravam no cangaço por questões de vingança.
- II. — A partir de 1930 até seu término em 1938, o motivo mais frequente e que obrigou grande número de sertanejos a ingressar nas fileiras do cangaço, foi a perseguição das volantes. Sob o pretexto de combater o cangaceirismo, criaram-se os grupos de soldados contratados pelo governo. Mas esses soldados não se limitavam à procura dos “bandidos”, aproveitavam-se para torturar muitos sertanejos.
Isto provocou medo e revolta, contribuindo para aumentar, sensivelmente, o número de cangaceiros.

Provavelmente a partir de 1930, com a desintegração das antigas oligarquias, os jagunços procuraram o cangaço como forma de defesa, uma vez que seus antigos protetores já não possuíam o mesmo prestígio.

Desta forma, o cangaço aumentou com todos esses elementos perseguidos, mas enfraqueceu-se em seus princípios e normas.

Percebemos, na década de 30, o início da desintegração do movimento, de tal forma que houve mortes, entre os próprios cangaceiros, por questões de intriga e, principalmente, alguns deles seduzidos pela promessa governamental que assegurava anistia àquele que entregasse a cabeça de um fora-da-lei.

COMO A SOCIEDADE SERTANEJA VÊ O CANGACEIRO.

A literatura de cordel tomou esse nome porque os livretos vendidos, quase sempre, nas feiras do sertão nordestino, eram presos em cordões e expostos de modo a que as ilustrações de capa fossem mais visíveis. Popularizou-se e se espalhou com grande facilidade em toda aquela área, vindo a constituir verdadeiro documentário dos costumes de gente rural, porque registra sempre as impressões do povo a respeito dos acontecimentos ocorridos, não apenas nas cidades, mas também no estado e, quiçá, no país.

A literatura de cordel fornece, outrossim, exposição dos fatos sociais, políticos e religiosos e denuncia costumes, atitudes e preferências do povo.

É através dessa literatura que o povo faz refletir suas atitudes, a respeito de tudo que vê e sente, colocando em realce seus valores. Por meio desses folhetos, podemos também perceber como esse povo age; quais suas normas de comportamento, as expectativas de cada membro da sociedade sertaneja em relação aos demais; como poderá ser aceito e como serão impostas as sanções, se infringir os padrões da comunidade.

A literatura de cordel é, pois, de capital importância para um estudo a respeito do comportamento do sertanejo, na medida que reflete seus pensamentos e seus valores.

Valiosas informações de interesse histórico, etnográfico e sociológico são fixadas nesse, cada dia mais influente, meio de comunicação, tão estimado pela nossa gente... A literatura ou narrativa cantada chama a atenção do público: é um meio muito usado de propaganda (1).

Quase sempre os "cantadores de folhetos" são os próprios poetas populares, que escrevem os folhetos. No início, eram versos cantados ao som das violas nas feiras, nos copiars, nos alpendres das casas sertanejas.

(1). — Campos (Renato Carneiro), *Ideologia dos Poetas populares no Nordeste*.

“O cantador abandonava tudo, família, lugar onde morava, para levar vida nômade e aventureira, correndo mundo, cantando aqui e acolá, repetindo os velhos trovadores, também assim aventureiros” (2).

O povo, muitas vezes, cantava seus heróis extraordinários, baseado nos mitos medievais.

“Os padres portugueses espalharam pelo Brasil lendas messiânicas sobre a volta de Dom Sebastião que havia desaparecido em 1578, numa batalha contra os mouros infiéis em Alcácer Quibir, Marrocos. Uns duzentos e cinquenta anos depois, grupos de sebastianistas no Nordeste reuniram-se em Monte Rodeador e Pedra Bonita, isso em 1817 e 1837, para apressar a vinda de Dom Sebastião” (3).

O cangaço representou forte argumento para os livretos de cordel. Neles estão registradas as várias facetas das contradições ocorridas dentro da sociedade sertaneja, notadamente no relacionamento entre o senhor rural e o trabalhador.

“Foi preciso existir o cangaço para quebrar as falsas resistências do coronelismo, abrindo caminho e incentivando o cabra a fazer o mesmo. Somente assim o cabra sai da sua total apatia e partiu em busca de um agrupamento doméstico como o coronel o que só era possível com a primeira abertura sendo provocada. O cangaço foi quem a fez e o folheto registra nele mais esse acontecimento. Por isso, o cangaceiro é herói pelo temor que causa ao coronel sem se agrupar com ele” (4).

A literatura de cordel evidencia três elementos essenciais dos padrões sertanejos: o misticismo, a virgindade e a virilidade.

Um sertanejo que se preza precisa acreditar no sobrenatural, ser macho, saber respeitar a honra da família. Os cangaceiros possuíam esses três requisitos e foi esta, possivelmente, a principal razão pela qual o povo os aceitou e os cantou em prosa e verso.

A expressão “deixa isso viver prá tirá a raça” é muito usada, representando toda a força que tem um rapaz por ser corajoso e au-

(2). — *Ibidem*, pág. 29.

(3). — Biderman (Sol), *Carlos Magno e a Lua na Literatura de Cordel*, in jornal “O Estado de São Paulo” de 16-5-1970.

(4). — Cortez (Marcius Frederico), *Relações de classes na literatura de Cordel*, in “Revista Civilização Brasileira”. Ano I, nº 5. 1966, pág. 305.

daz. A jovem é amparada e, se for desrespeitada, cabe aos irmãos ou ao pai lavarem-lhe a honra. Os cangaceiros aparecem como vingadores, quando a moça não tem quem a proteja ou defenda.

“Tinha duas filhas moças
esta e a outra Sofia
o filho do senhor de engenho
derrotou-a certo dia
e botou-a na cidade
fez a maior grosseria.

Eu fui e pedi a ele
que embora não casar-se
com ela, porem, ao menos
por um dever lhe dotasse
pois ela era donzela
embora pobre sem classe.

Só porque eu disse isso
o senhor de engenho mandou
dá-me tanto, capitão
que para morrer estou
e o filho dele irado
minha filha despresou.

Ela quiz voltar prá casa
porem ele não deixou
botou-a no cabaré
e a ficar lá forçou
ela hoje é prostituta
e no cabaré ficou.

Silvino aí levantou-se
do velho se despediu
monta-se e com seu grupo
na mesma hora partiu
para o engenho sem demora
pensando no que ouviu.

Boa tarde coronel
quedê o seu rapazinho
que deshonrou uma moça
que morava aqui pertinho
sendo sua moradeira
e seu pai sendo um velhinho.

Mande buscar a menina
Neste lugar peçonhento
traga seu filho de Areia (5)
e ajeite o casamento
que de hoje a 30 dias
virei ao divertimento.

Daí Antônio Silvino
se recordou no momento
do trato que havia feito
de assistir ao casamento
do filho do senhor de engenho
e partiu sem argumento.

Quando chegou em Campina
na casa de um camarada
soube que o senhor de engenho
estava com uma tropa armada
com a ordem do governo
prá botar-lhe uma emboscada.

Que nem mandou vê a moça
Prá com o filho casar
nem deu o dinheiro ao velho
fez foi mandar açoitar
Afonso o filho do velho
que estava prá se ultimar.

Antônio Silvino ouviu
tudo que o amigo contou
esperou que anoitecesse
jantou bem e se armou
de nove para dez horas
para o engenho marchou.

Pertinho parou o grupo
e deixou os animais
com um cabra, em um sítio
entrou nos canaviais
cercou muito bem cercado
o engenho com seus iguais.

Coberto na bagaceira
toda a tropa preparada

(5). — Areia na Paraíba não é litoral, mas é região de muita cana de açúcar.

para só romper o fogo
aó raiar da alvorada
quando o velho abrisse a porta
com sua rapaziada.

Quando bateu cinco horas
o velho se levantou
abriu a veneziana
e ali se debruçou
Antônio Silvino ali
em demora lhe alvejou.

A polícia que estava
no engenho entrincheirada
abriu cortina de fogo
e Silvino em disparada
avançou com os seus homens
numa enorme gritalhada.

Com duas horas de fogo
a polícia recuou
havia vinte e tres mortos
o capitão se entregou
Silvino com os seus "cabras"
um arranhão não levou.

O senhor de engenho perdeu
dez "cabras" e treze soldados
Antônio Silvino disse —
vocês é que são culpados
porque o senhor de engenho
não ouviu os meus tratados.

— E quedê o filho dele?
o rapaz se apresentou
Antônio Silvino aí
para ele perguntou:
não mandou buscar Sofia
nem atenção me prestou?

— Eu vim somente mata-lo
e queimar o seu engenho
nisto saiu uma moça
e a ele fez empenho
para Genival casar
sem haver um desempenho.

Antônio Silvino disse:

— a senhora é irmã dele?

— sou capitão, disse ela:

não tenho interesse nele

e vou mandar ver Sofia

para se casar com ele.

Antônio Silvino que
estava de gata esporada
lhe disse: — então com Afonso
voce tem que ser casada
ou então seu irmão morre
que minha volta é pesada.

Josefina disse: — então
mande buscar o vigário
que casarei hoje mesmo
porque acho necessário
e mande buscar Sofia
pra receber o Sacrário.

Antônio Silvino ali
um dos seus “cabras” mandou
buscar Sofia e o padre
e quando o padre chegou
casou Sofia e Afonso
com quem nenhum esperou.

Afonso com Josefina
e Genival com Sofia
mandou sepultar os mortos
houve festa e alegria
deu liberdade à polícia
e saiu no outro dia.

Porem antes de sair
disse para Genival:
se você deixar Sofia
comigo será rival
e enquanto eu existir
procuro lhe fazer mal.

E Josefina também
se não amar seu marido
está comigo de testa
para o que Deus for servido
porque nesta casos assim
eu sempre fui resolvido.

Josefina com Afonso
muitos anos se amaram
Sofia com Genival
só por morte se apartaram
ainda hoje tem família
que eles quatro deixaram” (6).

Não é vergonha ser cangaceiro; o povo compreende seu problema. No sertão, o jovem se transforma em volante ou cangaceiro, isto porque, se der qualquer ajuda aos “fora-da-lei”, será espancado ou morto pela volante e se delatar um cangaceiro será morto por um deles. Mesmo se sair de sua roça e for viver numa vila, será inevitavelmente encontrado assassinado. Dessa forma o jovem, quando começa a comprometer-se, procura uma maneira de escapar, entrando na “vida” (procurando o cangaço) ou seguindo as volantes; mas o fim é sempre o fuzil, a não ser que optem pelo Amazonas, como muitos fazem, ou deixa sua fazendinha para morar numa cidade grande, onde exista mais possibilidades de defesa contra os cangaceiros.

Isso vai implicar numa mudança de vida e em perdas financeiras, porque geralmente deve sair muito rápido, não encontrando comprador para animais e terras.

Como ninguém ignora
na minha pátria natal
ser cangaceiro é coisa
mais comum e natural
por isso herdei de meu pai
esse costume brutal (7).

O povo aceitava os cangaceiros como seus protetores:

“A mulher ficou pensando
sem aprumar o destino
imaginava que o negro
era perverso e assassino
mas confiava muito
na presença de Silvino (8).

(6). — *Romance da vida de Antônio Silvino*. Editor: Manoel Camilo dos Santos.

(7). — *A História de Antônio Silvino. Literatura Popular em Verso. Antologia*. Tomo I, pág. 323.

(8). — *Antônio Silvino e o Negro Corrupto*, de Francisco Alves Martins.

O indivíduo se vê
da polícia perseguido
não pode plantar rogado
porque vive foragido
invade para comer
ou tem que morrer
assim se forma o bandido (9).

Sentem pelos cangaceiros admiração e qualquer coisa que possa lembrá-los é motivo de satisfação:

“Seu pai conhece esse homem
Ora: desde menino
Meu pai mora em Paraiba
e se chama Canerino
e guarda como relíquia
o retrato de Silvino” (10).

Maior alegria, no entanto, é poder estar com os cangaceiros para vê-los e admirar seu mito-herói:

“Quando vagou a notícia
que chegara Lampião
foi visita-lo onde estava
enorme população
automovel não passava
gente a pé ninguem contava
para ver o valentão.

Sobre o terreiro da casa
o povo se comprimia
Lampião dentro da mesma
não dava pra quem queria
nem mesmo em santa missão
eu vi a população
que ali permanecia” (11).

O sertanejo não aceita a ruptura dos seus padrões e quando eles são ultrajados a vingança é a resposta certa. O povo aceita a vindita.

(9). — *A vida criminosa de Antônio Silvino*, de Antônio Teodoro dos Santos.

(10). — *Antônio Silvino e o Negro Currupião*, de Francisco Alves Martins.

(11). — *Visita de Lampião a Juazeiro*, de José Cordeiro.

“Antônio Silvino um dia
Chegou de uma vaquejada
.....
.....
Viu ao chegar ao terreiro
Seu pai de perna esticada.
Logo aí Antônio Silvino
Saiu até sem jantar
Foi à Vila de Ingazeira
Correndo denunciar
Chamando pela justiça
Mas a mofina polícia
Não se buliu do lugar
Pois nesse tempo passado
Principalmente no norte
Só saía vencedor
O cabra que fosse forte
Por isso ninguém ligou
A denúncia de Silvino
E ele fez o enterro
Chorando como menino
Vendo que tudo era em vão
Botou o rifle na mão
E tomou novo destino” (12).

O cantador vê, com simpatia, o homem que matou para vingar a morte de seus pais. Mas agora deve ele fugir. Torna-se então um bandido.

O cangaceiro é um herói que se rebela contra uma perseguição injusta da polícia. Indica, evidentemente, reação à aplicação da justiça, no interior brasileiro, e também aversão à polícia, usuária de métodos, às vezes mais nocivos do que os dos próprios cangaceiros. Não repugna ao sertanejo e ao nordestino, via de regra, o crime contra a vida; o que eles consideram repulsivos e dignos de pena capital, são os crimes contra a honra. Nesses crimes, não havendo punição imediata por parte da polícia ou da justiça, o revide, a justiça feita com as próprias mãos, logo aparece. E' o que está expresso nesta sextilha, talvez de Chagas Batista, transcrita por Rodrigues de Carvalho em *Cangaceiros do Norte*:

(12). — *A vida criminosa de Antônio Silvino*, por Antônio Teodoro dos Santos.

“No bacamarte eu achei
Leis que decidem a questão
e que fazem melhor processo
do que qualquer escrivão
as balas eram soldados
Com que eu fazia prisão” (13).

O sertanejo vingador é aceito e admirado, na medida em que se vai incorporando aos sentimentos e angústias do povo, que vê nele a imagem da revolta que estava dentro de cada camponês.

Mas existe o preço certo da vingança, que é a morte daquele que ultrajou. Para que a sociedade o aceite, a vindita deve ser limitada e com endereço certo.

Para ser aceito pela população, o “bandido” faz o possível para não agredir, uma vez que não deseja colocar-se contra a comunidade, que sempre lhe poderá ser útil.

Mas a sociedade que o acolheu no momento da vingança, critica-o na hora em que passa a matar indiscriminadamente, tornando-se um sanguinário.

“Pelas plagas nordestinas
Durou mais de quinze anos
o reinado do cangaço
sob as ordens dos tiranos
capangas de Lampião
perversos, maus, desumanos” (14).

Muitos cangaceiros passam a ser criticados e acabam traídos por algum coiteiro, como aconteceu com “Zé Bahiano”, ou com “Sabiá”, que, desrespeitando as normas do grupo, foi morto pelo próprio Lampião.

Para Renato Carneiro Campos, em seu livro *Ideologia das Poetas Populares*,

“basta uma atitude de bondade para o poeta popular esquecer todas as perversidades do cangaceiro, destacando as injustiças de que ele foi alvo, e transformando-o em herói, os fatos de sua vida viram lendas” (15).

(13). — Carvalho Rodrigues, *Cangaceiros do Norte*.

(14). — Almeida Filho (Manoel de), *Os cabras de Lampeão*.

(15). — Campos (Renato Carneiro), *Obr. Cit.*, pág. 115.

Isto parece dever-se, principalmente, à razão de que, apesar da perversidade em determinadas ocasiões, ele é o único que se opõe à força maior — o Estado. Ao mesmo tempo, representa os valores mais sagrados dos sertanejos, praticando suas façanhas com coragem e astúcia, qualidades inerentes ao herói inteligente.

“Sei que ninguém aponta
um defeito em Lampião
a ele podemos chama-lo
o grande herói do sertão
quem vê que estou errado
dê a sua opinião” (16).

“Para os meninos e moços
do sertão paraibano
Lampião era um herói
com ares de soberano
porque vencía as volantes
como o poder do arcano” (17).

Os cangaceiros não têm idéia de um problema no seu conjunto. Sentem apenas e tão somente o seu problema e a vingança é praticada devido a uma injustiça pessoal. Existe a causa no coletivo que afeta entretanto o sertanejo de maneira individual. O herói social é o que consegue perceber o mal da sociedade, isto é, capta, no drama individual seu, o problema coletivo. Isso não ocorre com o sertanejo nordestino.

A forma de pensar e agir dos cantadores, poetas populares, é individualista. Procuram sempre mostrar a situação do indivíduo, poucas vezes a da humanidade. Os acontecimentos políticos narrados são superficiais e não se pode perceber suas tendências a esse respeito. No momento em que criticam alguma atitude governamental, quase sempre não indicam o que deveria ser, não mostram o certo para o lugar errado. Admiram a valentia individual e o fato de a pessoa sozinha adquirir prestígio e fortuna: os movimentos coletivos de heroísmo político, ou social, não os afetam. Daí porque o flagelo das secas não é assunto constante em seus versos...

Não dão valor à sabedoria adquirida nos bancos escolares.

(16). — Costa (José), *O casamento de Lampião com a filha de Santaná*.
(17). — Almeida Filho (Manoel de), *Os cabras de Lampeão*.

“O tipo de sabedoria que parece atrair os chamados poetas populares é justamente o da esperteza, a inteligência extremamente aguçada — inteligência como fator de adaptação do indivíduo ao meio ou a situações difíceis — capaz de vencer questões aparentemente impossíveis de serem vencidas por ser humano”.

É o caso que me refiro
de quem pretendo contar
a vida dum homem pobre
que mesmo sem estudar
ganhou o nome de sábio
e por fim veio enricar.

Esse homem nunca achou
Nada que o enrascasse
nem cilada que o pegasse
quenguista que o iludisse
questão que ele não ganhasse.

Era um tipo baixo e grosso
Musculoso e carrancudo
não conhecia uma letra
porem sabia de tudo
o povo o denominou
o SABIDO SEM ESTUDO” (18).

Muito embora a cabeça de Virgulino Ferreira tenha ficado durante trinta e um anos exposta no Museu Nina Rodrigues, em Salvador, há, até hoje, quem não queira acreditar na morte do cangaceiro.

Evidentemente, na época em que ocorreu o assassinio, o desaparecimento de Lampião era mais difícil de ser aceito, mormente no sertão. O sertanejo criava fantasias para justificar a perpetuação do mito.

Alguns ainda não acreditam que Lampião tenha morrido e pensam como o poeta popular Manoel Pereira Sobrinho em seu folheto *A verdadeira história de Lampião e Maria Bonita*:

E quando surgiu a história
— Virgulino pereceu
porem tem quem diga alto
que Lampião não morreu
o que posso afirmar
é que desapareceu.

(18). — Campos (Renato Carneiro), *Obr. Cit.*, págs. 105 e 106.

Não sei se foi vivo ou morto
Porque há contradição
tem gente que afirma sim
porem tem quem diga não
o que sei é que o mesmo
nunca mais veio ao sertão” (19).

Na entrevista que realizamos com João Bezerra, o comandante da volante que matou Lampião, este aspecto ficou bem claro. Ao ser abordado, ele desabafou:

“Não quero falar sobre isso, pois foi morto Lampião, a cabeça cortada, a população de todos os Estados viu e ainda tem gente que diz e escreve que Lampião não morreu e que vive em Mato Grosso. Eu estou cansado de falar a mesma coisa, da maneira que foi, mas não adianta porque eles não acreditam!!! (20).

O povo cria uma imagem do seu bandido-herói, a tal ponto que confunde as histórias verdadeiras com os mitos, dando a ele um aspecto quase sobrenatural, daí a expressão “corpo-fechado” significando que o indivíduo está imune contra o perigo da morte. Nenhuma bala ou faca conseguirá penetrar no corpo do privilegiado, graças também às orações fortes (carregavam geralmente com eles, figas, patuás etc.). O povo, de um modo geral, acreditava em que os cangaceiros possuíam essa qualidade, isto é, a invulnerabilidade.

O povo cria que os grandes líderes do cangaço possuíam o “corpo-fechado”: na literatura de cordel encontramos até uma briga entre Lampião e Antônio Silvino, sem vencedor, é óbvio:

Silvino era ligeiro
e sabia de oração
manejava seu punhal
para sangra-lo no vão
mas o punhal não entrava
no couro de Lampião.

Lampião era disposto
e bem prevenido andava
orações misteriosas
toda noite ele rezava

(19). — Campos (Renato Carneiro), *Obr. Cit.*, págs. 115 e 116.

(20). — Depoimento de João Bezerra, em Garanhuns, Estado de Pernambuco, em 1969.

mas no bucho de Silvino
o punhal se envergava” (21).

A mente do sertanejo fantasia tudo: o céu e inferno aparecem no próprio sertão e os santos são seus heróis preferidos. Acreditam em milagre e esperam, pacientes, que o “padrinho Cico” interceda por eles:

“Padre Cícero foi um santo
e por Deus Predestinado
era um profeta vidente
pela Altíssimo Inspirado
previa acontecimentos
e dava o tempo marcado” (22).

Por isso, nascendo e vivendo numa terra assim, os cangaceiros também foram religiosos, antes de mais nada, eram sertanejos. Acreditavam ardorosamente no Padre Cícero e o respeitavam da mesma forma que qualquer homem do povo:

“Foram salvas muitas vidas
no nordeste brasileiro
para uma casa livrar-se
da sanha do cangaceiro
bastava ter um retrato
do padre de Joazeiro (23).

Lampião, em particular, era crente; rezava, e tinha pelo padre Cícero profunda admiração e respeito, considerando-o um dos seus grandes amigos. Isso incarnava, evidentemente, o sentimento de todo o povo nordestino pela veneranda figura do padre. O cangaceiro tinha por costumes, antes ou depois de enterrar o companheiro morto, rezar com todo o respeito religioso:

“Depois que dei sepultura
ao corpo do meu amigo
rezei uma oração
por sobre o novo jazigo
junto com meu pessoal

(21). — *O encontro de Lampião com Antonio Silvino*. Autor desconhecido.

(22). — *A vida do Padre Cícero*, por M. Camilo dos Santos.

(23). — Almeida Filho (Manoel de), *Os cabras de Lampião*.

fui visitar o local
do campo do inimigo” (24).

Com a morte de Lampião, um destino teria de ser dado à sua alma.

José Pacheco, em dois livretos, levou Lampião ao céu: *O grande debate de Lampião com São Pedro* e, também ao inferno: *A chegada de Lampião ao inferno*.

No primeiro, Lampião aparece como um homem moderado, que chega à porta do céu, e aguarda, pacientemente, pela presença de São Pedro, um santo carrancudo e pouco respeitável.

“Chegou no céu Lampeão
a porta estava fechada
ele subiu a calçada
ali bateu com a mão
ninguém lhe deu atenção
ele tornou a bater
ouviu São Pedro dizer
demore-se lá quem é?
estou tomando café
depois vou o receber.

São Pedro depois da janta
gritou por Santa Zulmira
traz o cigarro caipira
acendeu no de S. Pranta
e apertou o nó da manta
vestiu a casaca e veio
Falando até agastado
triste do homem empregado
que só lhe chega aperreio.

Abriu na frente o portão
ficou da trave escorado
branco da cor de um finado
quando avisotu Lampeão
Mas com a trave na mão
Não temeu de lhe falar
e disse: aqui não se dar
aposento a gente mau
se não quer entrar no pau
acho bom se retirar.

(24). — Bernardo da Silva (José), *Perseguição de Lampião pelas forças legais*.

Lampeão lhe respondeu
Não venha com seu insulto
Voce é um santo bruto
que ofensa lhe fiz eu?
e mesmo céu não é seu
voce tambem é mandado
portanto esteja avisado
se não deixar eu entrar
nós vamos experimentar
quem é que tem bom guardado.

Posteriormente, o autor articula uma verdadeira guerra dos santos, armados contra o “rei do cangaço”, para salientar, certamente, que a força de Lampião só pode ser combatida pela união de muitas forças outras. E’ a revelação de valentia do cangaceiro:

Ali chegou São Bernardo
que tambem vinha chegando
— Pedro voce está brincando
com este cabra safado
Vá me chamar São Ricardo
e São Francisco da Penha
e chame São Juvenal
traga um pau de quintal
e uma lasca de lenha.

São Pedro ergueu-se nos pés
e disse de cara feia:
prá dar num cabra de peia
não precisa oito nem dez
e gritou por São Moisés
vamos dar no bandoleiro
saltou no meio do terreiro
até prepara a faca
gritando: quebra uma estaca
arranque um pau de chiqueiro.

A luta entre Lampião e os santos não chegou a acontecer, porque o autor — um sertanejo — ficou certamente numa encruzilhada no momento em que precisou decidir qual seria o vencedor. Os santos não seriam vencidos, porque eles representam a força sobrenatural. Em compensação, o cangaceiro também não poderia perder, porque ele representava, talvez, a única força real que surgiu no sertão:

Porem antes de pegar
desceu um grande corisco
jogado por São Francisco
da porta do quinto andar
num tremendo ribombar
um trovão também desceu
o espaço escureceu
veio um forte pé de vento
Lampeão neste momento
dali desapareceu.

Na última estrofe o poeta se justifica:

Poeta tem liberdade
sagrado dom da natureza
conforme a literatura
escreve o que tem vontade (25).

No segundo livreto, o mesmo autor leva Lampeão ao inferno, sendo o cangaceiro recusado pelo diabo:

“Lampeão é um bandido
ladrão da honestidade
só vem desmoralizar
a minha propriedade
e eu não vou procurar
sarna pra me cossar
sem haver necessidade.

Mas, desta vez Lampeão enfrenta um verdadeiro exército de diabos e os derrota com facilidade, muito embora também não permaneça ali, porque este não é lugar — no entendimento do sertanejo — para o cangaceiro — “ladrão da honestidade”.

“Houve grande prejuizo
no inferno nesse dia
queimou-se todo dinheiro
que Satanaz possuia
queimou-se o livro dos pontos
perderam seiscentos contos
somente em mercadoria”.

(25). — Pacheco (José), *O grande debate de Lampeão com São Pedro*.

De maneira irônica, o autor levanta, no fim do libreto, o problema da seca no nordeste, com uma reclamação de Satanaz bem ao estilo dos coronéis:

“Reclamava Satanaz
— horror maior não precisa
os anos ruins de safra
e mais agora essa pisa
se não houver bom inverno
tão cedo aqui no inferno
ninguém compra uma camisa”.

Sua conclusão denota a certeza do sertanejo de que, o único lugar de Lampião, é o sertão nordestino:

“Leitores vou terminar
tratando de Lampeão
muito embora não vos posso
vos dar a resolução
no inferno não ficou
no céu também não chegou
por certo está no sertão” (26).

Evidentemente é difícil para o sertanejo “dar a resolução”. Ele por certo não colocará Lampião no céu, porque essa atitude vem de encontro a seus padrões religiosos; não o porá também no inferno, pois o inferno não foi feito para um “homem justo”. O verdadeiro lugar de Lampião é o sertão. Mesmo morto, ele continuará ali, agora como símbolo, um símbolo contra as injustiças praticadas pelo poder d aforça.

Para o sertanejo, o cabra-macho, forte, duro e indomável, é a perfeição do tipo masculino.

“Digam ao govêrno, políticos e delegados covardes daqui, que sou eu o dono do sertão, quem manda aqui sou eu, e quem duvidar que se apresente” (27).

Sentiam que Lampião, o chefe do cangaço, era um grande guerreiro. Sentiam, ainda mais, que era o líder do sertão, respeitado, amado, odiado, temido, mas nunca desprezado.

(26). — Pacheco (José), *A chegada de Lampeão no Inferno*.

(27). — Cotinguiba — Travador, *Lampião, o maior dos bandoleiros*.

“Venham que sou invencível
Lampião é um mistério
Satanaz é meu comparsa
fiz um pacto muito sério
o que me quizer vencêr
vai dormir no cemitério (28).

Para elogiar alguém, era comum compará-lo ao “Rei do Cangaço”:

“Valente, ousado como Lampião” (29).

Os heróis também causavam medo, não só quando entravam numa aldeia de arma em punho, mas também quando acabavam de trucidar alguém; muitas vezes, a simples referência ao nome de algum cangaceiro, fazia tremer o mais valente cabra:

“Dr. Sérgio de Loreto
Governò de Pernambuco
com medo de Lampião
só falta ficar maluco (30).

E vão mais longe, na apologia ao valente homem do cangaço:

“Cabrinha vendo cangaço
de medo perdeu a fala
a mulher com os meninos
não chegaram nem na sala
Prevendo a sorte mesquinha
de lá mesmo da cozinha
fizeram fezes de bala”.

E quando cumprimenta um vaqueiro:

Mas ele morto de medo
Não aguentou o abalo
e saltando uma porteira
se jogou na catingueira
deixando até o cavalo (31).

(28). — Camaleão, *Amores e Façanhas de Lampeão*.

(29). — Silva (João José da), *O cangaceiro*. Baseado na vida de Lampião.

(30). — D'Almeida Filho (Manoel), *Os cabras de Lampeão*.

(31). — Trovador Cotinguiba, *Lampeão, o maior dos bandoleiros*.

Os cangaceiros não teriam sobrevivido na área do sertão, passando fome e sede, sempre perseguidos pela polícia, se não tivessem excelentes condições físicas e muita vontade de lutar para permanecerem vivos. A par disso, a tática era nota de destaque no seu comportamento nômade:

“Vendo a vitória impossível
eu toquei em retirada
tudo aquilo que é incerto
é uma empresa arriscada
e a ciência de um guerreiro
só é boa meditada” (32).

“Desta feita Lampião
Ficou mais estrategista
Atinou mais o juízo
Ganhou mais golpe de vista
Dizia — mas vale a prática
Do que conhecer gramática
Como eu não tem artista” (33).

Uma furada de cerco é cantada por José Cordeiro:

Fui ao sítio do Cantinho
desta mesma freguesia
Mas lá a dona polícia
correu-me no outro dia
quase seiscentos soldados
fora os homens afamados
do coronel Isaias.

No começo desta luta
Fui medindo o tiroteio
os paisanos e os soldados
investiam sem receio
cercado toda pedreira
eu e minha cabroeira
ficamos presos no meio.

Com pouco tempo depois
acabou-se a munição
só restavam algumas balas

(32). — Camaleão, *Amores e façanhas de Lampião*.

(33). — Dos Santos (Antônio Teodoro), *Lampião, o rei do cangaço*.

das armas do cinturão
a cousa estava amarela
puxei pelo parabelum
fiz fogo no batalhão.

Dáí a poucos instantes
eu pode verificar
que se não furasse o cerco
não se podia escapar
mas romper aquele forte
era brincar com a morte
era loucura tentar.

Formulei todos os planos
Mas nenhum a mim servia
se fosse romper o cerco
de certo não conseguia
porque já sem munição
o pobre do Lampeão
não acendeu nesse dia.

Aí Sabino me disse
Lampeão não se iluda
vamos resolver um plano
que a coisa está carrancuda
prá não morrer como pato
toquemos fogo no mato
isso talvez nos acuda.

Com o plano de Sabino
fiquei muito satisfeito
com fé que por esta forma
podia a coisa ter jeito
aí não pedi arrogo
quando fui tocando fogo
fui logo vendo efeito.

Quando a chama suspendeu
eu vi a negrada correr
todos das santas canelas
tiveram que se valer
tinha cabra que corria
que do jeito que ele ia
veado ia se esconder (34).

(34). — Da Silva (José Bernardo), *Perseguição de Lampeão pelas forças legais*.

O coronel, que representava uma outra facção desta sociedade sertaneja (o poder da força), encontrava, nos heróis populares, seus grandes inimigos, capazes de subjugar-los. A história nos mostra as constantes incursões de cangaceiros nas terras de grandes proprietários. Nota-se, claramente, numa luta de grupos (cangaceiros vs. coronel), todo o ódio de um contra o outro.

Se o coronel representava a “força do poder”, o povo via no cangaceiro sua própria imagem fortalecida:

“Esse tal José Ferreira
era pai de Lampião
porque não quiz sujeitar-se
no Nogueira a condição
foi morto covardemente
lá na sua habitação.

Desde ai que Lampião
entregou-se ao cangaço
por ser muito destemido
no pau, na bala e no aço
e com relação a luta
ele não torcia o braço.

Até que pode aliar-se
com um grupo de bandidos
homens muito corajosos
cangaceiros destemidos
afim de vingar o crime
dos Nogueira atrevidos (35).

E muitas vezes o coronel respeitava, além de temê-los, os cangaceiros. E’ o que observamos num folheto onde Lampião aparece na Bahia:

No dia 20 de abril
no estado da Bahia
na Fazenda Cruz Vermelha
do senhor Pedro Faria
chegou o célebre bandido
às doze horas do dia.

(35). — Alves dos Santos (Apolônio), *A morte de Lampião, ou a vingança de Corisco*.

Saltaram dos animais
foram entrando na casa
pegaram o pobre homem
dizendo: voce se arrasa
ou nos dá muito dinheiro
ou tudo aqui vira braza.

Tenho fazenda de gado
tabem tenho algum dinheiro
muita criação de ovelha
tenho porcos no chiqueiro
tenho queijo no jiral
muito peru no terreiro.

Vim para aqui descansar
quero arranjar proteção
preciso arranjar dinheiro
é esta minha profissão
garanto não ofender
a vida de um só cristão.

O senhor pode ficar
oculto naquela mata
por mim ninguem saberá
aqui ninguem me maltrata
pode deixar o cangaço
que aqui nada lhe falta.

E quanto a rapaziada
eu vou arranjar serviço
irão viver como homens
acabou-se o rebuliço
vão viver tirando abelha
e situando cortiço” (36).

As volantes representavam o outro grupo dentro do contexto, homens assalariados que matavam apoiados pela lei. Como o destino do sertanejo era sempre fuzil, no momento da opção eles se decidiam pela farda, que lhes dava ordenado garantido, e o direito de viverem em liberdade, atuando na perseguição aos “fora-da-lei”. Essa condição, por si só pode, dar-nos a dimensão exata do homem, que, lutando pelo seu salário, não aceita os desafios de outro grupo que, para sobreviver, se agiganta e se torna às vezes imbatível.

(36). — Da Silva (José Bernardo), *Lampeão na Bahia*, págs. 1 e 2.

“Corri três léguas e meia
sem tomar respiração
quasi nu, todo rasgado
sem fuzil, sem munição
se eu não desse essa carreira
as forças do seu Moreira
sopravam meu lampeão.

Corri o dia e a noite
por dentro da traversia
subi telhado de pedra
que nem um moçó subia
correndo por boqueirões
atravessei sucavões
que outro não se atrevia.

Cortando serras e vales
Andei três dias e meio
passei em certos lugares
que só lembrar me arrepeio
subi montes, descí grutas
onde qualquer fera bruta
de passar tinha receio” (37).

Os cangaceiros se escondiam até no Raso da Catarina, e o povo dava ênfase à sua superiodidade em relação aos homens das volantes.

“Perseguindo Lampião
as volantes tinham medo
de penetrar no deserto
que parecia um degredo
aonde só o bandido
compreendia o segredo” (38).

Através da sua literatura, o povo deixa bem claro que, muitos crimes imputados aos cangaceiros, eram praticados pelas volantes, ou outros indivíduos, que usavam os nomes dos conhecidos chefes de bandos:

“Corisco de onde estava
sempre ouvia falar
que os cabras de Lampião

(37). — Da Silva (José Bernardo), *Lampeão e as forças legais*.

(38). — D’Almeida Filho (Manoel), *Os cabras de Lampião*.

viviam sempre a roubar
mas eram outros bandidos
que andavam em seu lugar” (39).

“Não era só Silvino
o cangaceiro que havia
é certo do nome dele
qualquer se prevalecia
muitos crimes foram dados
onde Silvino nem ia” (40).

(Continua).

(39). — Alves dos Santos (Apolônio), *A morte de Lampião ou a vingança de Corisco*.

(40). — Da Silva (José Bernardo), *Antônio Silvino no Juri. Debate com seu advogado*.